

A FORMAÇÃO EM LETRAS E A AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO ACONTECIMENTO

Vitor Rafael de Souza¹
Camila Vianna Machado²
Jeize de Fátima Batista³
Démetrio Alves Paz⁴
Ana Cecília Teixeira Gonçalves⁵

INTRODUÇÃO

Pensar sobre a formação docente no curso de Letras é refletir sobre como nos tornamos professores capazes de ouvir, interpretar e transformar os sentidos que circulam na sala de aula. Este texto parte da necessidade de olhar para a aula de língua portuguesa como algo vivo, que acontece a partir das relações entre sujeitos, textos e contextos. Inspirado nas ideias de autores como Geraldi (2010), Neves et al. (2011), Bajour (2012) e Costa-Hübes e Bilhar (2024), o objetivo, portanto, é pensar sobre a prática pedagógica com base nas leituras que ajudam a construir um olhar mais atento e sensível para a linguagem. A escolha por esse tema vem contribuir para uma formação que ultrapasse a repetição de conteúdos e valorize a escuta, a autoria e o diálogo, pensando em uma prática reflexiva e suas contribuições na formação do sujeito

1 METODOLOGIA

Este trabalho é de natureza teórica e qualitativa, com objetivo descritivo-reflexivo. Parte-se de uma análise bibliográfica dos textos estudados na iniciação à docência (PIBID) e de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998; 2000) e a Base Nacional Comum Curricular (2018). O método de análise é dialético, pois compreende que a educação é um processo em constante movimento e construção. A leitura dos textos é atravessada pelas experiências em sala de aula, nos estágios e na participação em projetos formativos. Dessa forma, a reflexão parte tanto do conhecimento teórico quanto das vivências construindo o conhecimento como futuros professores de língua portuguesa.

¹ Vitor Rafael de Souza. Estudante. Bolsista do projeto iniciação a docência (Pibid). Curso de Letras Português – Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Cerro Largo, Contato: vitorrafaeldes@gmail.com.

² Camila Vianna Machado. Estudante. Bolsista do projeto iniciação docência (Pibid). Curso de Letras Português – Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Cerro Largo, Contato: cvm.29.cvm.29@gmail.com.

³ Doutora em Letras. Professora de Língua Portuguesa, Estágios e Práticas de Ensino. Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* de Cerro Largo, contato: jeize.batista@edu.br.

⁴ Doutor em Teoria da Literatura. Professor Associado 2 de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo, contato: demetrio.paz@uffs.edu.br

⁵ Doutora em Letras. Professora de Língua Portuguesa e Linguística. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo, contato: acgteixeira@uffs.edu.br

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Geraldi (2010) propõe que a aula de língua portuguesa seja pensada como um acontecimento, ou seja, como um espaço onde se produzem sentidos, os sujeitos têm voz e onde a linguagem é vivida em sua complexidade. significa deixar de tratar a aula como um momento de transmissão de regras e conteúdos prontos, e passar a entendê-la como um encontro de saberes. Para isso, é essencial considerar que a linguagem é uma prática social, como defendem os estudos do letramento e a proposta da BNCC (2018). Neves et al. (2011) destacam que ler e escrever não é tarefa apenas da área de linguagens, mas de toda a escola.

Isso porque os sentidos se produzem em todas as disciplinas. Assim, formar leitores e escritores é papel de todos os professores, mas especialmente de quem ensina língua portuguesa. É preciso garantir espaços reais de leitura e escrita, com propósitos significativos e com textos que circulam fora da escola. Nesta perspectiva, Bajour (2012), por sua vez, fala sobre a importância da escuta na formação do leitor. Para ela, mediar a leitura é estar atenta às emoções, às interpretações e às perguntas dos alunos diante do texto literário. É permitir que cada um crie uma relação própria com a leitura. Isso nos leva a compreender que a literatura, assim como a língua, não deve ser ensinada apenas como conteúdo, mas como experiência. A BNCC (2018) traz uma organização por práticas de linguagem e por habilidades que valorizam a autoria, a escuta, o planejamento e a revisão de textos, por exemplo. Essa perspectiva se alinha às propostas discutidas por Costa-Hübes e Bilhar (2024), que mostram como as contribuições de Geraldi têm influenciado as práticas escolares e o modo como entendemos o trabalho com a língua.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dessa análise, é possível perceber que a formação em Letras vai muito além do estudo de conteúdos gramaticais e literários. Formar-se professor também é refletir sobre os sentidos que a linguagem produz e como se dão as relações na sala de aula. A leitura dos textos e a experiência em estágio ou projetos mostram que é preciso construir espaços em que os estudantes possam se expressar, interpretar o mundo e se reconhecer como sujeitos de linguagem.

Ao considerar a aula como acontecimento, como propõe Geraldi, repensamos nosso papel docente, o qual, não é apenas planejar e ensinar, mas criar condições para o diálogo e o compartilhamento de experiências. Isso se concretiza quando levamos textos reais para a sala de aula, quando escutamos os estudantes e quando tornamos as práticas de leitura e escrita parte da vida e não apenas da avaliação. Nesse contexto, as práticas pedagógicas necessitam ser dinâmicas e se abrir para propostas que valorizem o processo promover oficinas de escrita, rodas de leitura, projetos interdisciplinares e atividades que permitam a autoria e a escuta são formas de tornar a aula de língua um espaço dinâmico e significativo. Isso exige do professor sensibilidade para acolher diferentes trajetórias, além de planejamento para que as atividades façam sentido dentro e fora da escola.

Outro aspecto importante é reconhecer que a aula como acontecimento também pressupõe um planejamento que considere os sentidos possíveis e não apenas os resultados esperados. Ou seja, não se trata de controlar o que os alunos devem pensar ou produzir, mas de criar condições para que diferentes leituras e interpretações possam emergir. Nesse cenário, o professor deixa de ser o único detentor do saber e passa a ocupar uma posição de mediador, alguém que propõe caminhos, mas também aprende com os desvios e surpresas do percurso. Essa concepção exige abertura ao imprevisto, escuta ativa e disposição para construir saberes coletivamente, o que transforma a prática pedagógica em uma experiência compartilhada de linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação em Letras é também assumir um compromisso com um ensino de língua e literatura que respeite os sujeitos, que acolha suas vozes e que valorize a linguagem como potência de transformação. O desafio que fica é pensar a aula de língua portuguesa não como um conteúdo a ser ensinado, mas como uma prática viva que se reinventa a cada encontro. Para isso, é preciso escutar, refletir e se comprometer com uma educação que faça sentido para quem ensina e para quem aprende, ou seja, relação entre professor- aluno, a transmissão de conteúdo mútuo entre ambos, assim alunos e professor aprendem juntos. Formar-se professor, portanto, é aceitar o convite de uma prática ética e sensível, que se constrói em diálogo com os estudantes, com os textos e com o mundo. É reconhecer que a linguagem atravessa todas as relações e que, ao ensinar, também aprendemos. Essa formação é contínua, viva e cheia de encontros que nos transformam. A aula, entendida como acontecimento, nos provoca a estar presentes de verdade, com escuta atenta, disponibilidade para a troca e abertura para o novo.

REFERÊNCIAS

- BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- COSTA-HÜBES, T. C.; BILHAR, T. F. Contribuições de João Wanderley Geraldi para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil: em foco a prática de análise linguística. *Revista Educação e Linguagens*, v. 13, n. 25, p. 1–19, jan./jun. 2024.
- GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

NEVES, I. C. B. et al. (Org.). *Compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.